

Fernando Molica

Razões de direita

Não adianta culpar apenas os ecos da Lava Jato: a diminuição do apoio à esquerda em praticamente todo o país e a ascensão de candidatos conservadores ou de direita radical reforçam uma mudança do eleitor.

Sim, o estrago feito pela tabelinha entre Sérgio Moro e o Ministério Público foi grande, acabou de vez com uma ligação entre honestidade e a esquerda outrora tão cultivada pelo PT — Leonel Brizola (1922-2004) costumava chamar o partido de “UDN de macacão e tamancos”, uma ironia com a agremiação de Carlos Lacerda (1914-1977), que tanto focava na moralidade dos negócios públicos.

Jair Bolsonaro desde meados de seu mandato na Presidência vem sendo alvo de muitas acusações e críticas, mas seu apoio a alguns candidatos se mostrou decisivo na reta final do primeiro turno. O bolsonarismo e direita demonstram, até agora, uma resiliência maior do que a do PT.

Cria do processo de indus-

trialização que teve São Paulo como grande referência nacional, o PT demonstra uma certa nostalgia do tempo em que o grande objetivo na vida de um trabalhador era conseguir um emprego numa grande multinacional, algo que também abria perspectivas de carreira.

Os relatos do presidente Lula sobre a alegria de virar metalúrgico são hoje mais válidos como documento histórico do que como exemplo de vida para milhões de jovens que arriscam suas vidas montados em motocicletas ou que passam horas a fio ao volante de um carro preso a um aplicativo de transporte.

Um vídeo postado ontem por Rick Azevedo, vereador eleito no Rio pelo Psol, ajuda a entender o fenômeno. Ele exalta seu compromisso na defesa dos trabalhadores, mas não cita operários da indústria, mas os que ralam em shoppings, padarias, postos de gasolina, restaurantes, lanchonetes e call centers — o pessoal de comércio e serviços que ganha pouco e tem baixa

expectativa de crescimento dentro do próprio emprego.

Trata-se de gente que se considera explorada, mas que não nutre esperanças de, com a luta do combalido sindicalismo, conquistar ganhos expressivos. Mais do que xingar os patrões, querem ser donos dos próprios negócios. Movidos por uma força de inspiração religiosa e de busca de uma terra prometida, apostam no individualismo e não na luta coletiva.

São pessoas nem tão jovens assim para sonhar com a universidade tão alardeada por Lula, um caminho importante, mas muito duro para os mais pobres. Muitas vezes, estudar significa abrir mão de trabalhar e de dormir. Brigar por terra e moradia representa um direito, mas é duro viver num acampamento do MST e encarar tiro, porrada, bomba e reprimenda social a cada ocupação.

As necessárias e importantíssimas pautas identitárias geraram ganhos como a transformação da luta contra o racismo em assunto corrente e a

proliferação — há alguns anos impensável — de eleições de candidatas e candidatos transexuais.

Mas os setores progressistas não se preparam para a reação oportunista e caricatural dos que fazem questão de fingir confundir afirmação de direitos com uma suposta e risível imposição de comportamentos.

A eleição de Lula em 2022 não muda o quadro, apesar de todos os erros de Bolsonaro no combate à pandemia e de seus acenos golpista, a vitória foi bem apertada.

A mudança na sociedade é tão gritante que o extremismo de direita passou a ser aceitável, diferentemente do que ocorre com posições mais radicais da esquerda. O PT acabou identificado com uma posição conservadora, que remete a tempos pretéritos.

O discurso da rebeldia, do contra tudo que está aí, acabou assumido pela direita. Como não vai dar para trocar de povo, a esquerda precisa tratar de entendê-lo e de adaptar conceitos e certezas.

Rodrigo Bethlem*

Nada será como antes

Esta eleição certamente nos traz algumas lições e alguns alertas. Ressalto que minha opinião não é de torcedor, mas sim sob a ótica da Comunicação e do Marketing Político.

O interesse nacional despertado pela eleição em São Paulo teve em Pablo Marçal seu ator principal, para o bem ou para o mal.

O primeiro ponto importante, sob a perspectiva política, é que o monopólio da direita exercido pelo bolsonarismo se foi. Bolsonaro continua sendo um líder forte, mas não mais absoluto.

Marçal mostrou que qualquer um que encampe temas e pautas da direita, de forma clara, consegue avançar no eleitorado, independente-

mente do direcionamento de Bolsonaro.

Outra questão que prevaleceu foi a ênfase nos assuntos municipais, em vez da nacionalização.

A reeleição de Eduardo Paes mostra claramente isso. O PL apostou todas as suas fichas na nacionalização e quebrou a cara.

Contra um candidato prepotente, que conhece a cidade e tem serviços prestados, em momento algum conseguiram empolgar o eleitorado como uma alternativa.

O resultado foi Eduardo Paes vitorioso em todas as zonas eleitorais da cidade.

Sob a ótica da Comunicação, Marçal deu uma aula de comunicação moderna.

Sem tempo de televisão, sem rádio e sem uma quantidade enorme de candidatos a vereador, consegui encarar de igual para igual as enormes máquinas partidárias.

Que sirva de lição. Não estou tratando do conteúdo, mas da forma.

Candidatos que investem fortunas em marqueteiros para criar programas de TV esteticamente exemplares já não têm mais o mesmo efeito de outrora.

Hoje, o mundo se comunica instantaneamente, por meio de um aparelho que anda em nosso bolso.

Marçal usou esses recursos com maestria. Sob a ótica da Comunicação, já foi um vitorioso.

EDITORIAL

O mal jamais vencerá o bem!

A campanha eleitoral acabou e já sabemos os resultados das eleições municipais. Sejam eles candidatos eleitos neste primeiro turno ou aqueles que disputarão, mais uma vez, no fim deste mês de outubro cadeiras das prefeituras pelo país.

Mesmo com o fim desta primeira parte das campanhas, é preciso fazer uma reflexão não tão positiva de tudo isso que acompanhamos. Já que existiram, como sempre, estratégias agressivas, onde o foco não estava apenas em apresentar propostas ou debater ideias do candidato que seria o ideal para vencer, mas em atacar o adversário.

Em todo o país, por trás de perfis fakes e jornalecos fictícios, candidatos utilizando táticas de difamação para tentar prejudicar a imagem de seus concorrentes, muitas vezes baseando-se em mentiras ou distorções da verdade.

Esse comportamento, infelizmente, não é uma novidade. Ao longo da história, o jogo sujo das campanhas eleitorais sempre esteve presente, com casos emblemáticos de difamação e calúnia. No entanto, com o avanço tecnológico, a proliferação de mentiras ganhou uma escala jamais vista antes, o que tem levan-

do a um aumento significativo na polarização política e na desconfiança em relação às instituições democráticas.

Um exemplo prático para entendermos até onde vai a maldade das pessoas durante campanhas eleitorais. Notícia hoje aponta que a perícia da Polícia Federal concluiu que assinatura de médico em laudo publicado por Pablo Marçal contra Guilherme Boulos, em SP, é falsa.

O mais preocupante nesse cenário é que, muitas vezes, as consequências dessas táticas suas não se restringem ao período eleitoral. Mesmo após o término das eleições, as mentiras disseminadas podem continuar a reverberar, prejudicando a governabilidade e minando a confiança do povo no vencedor do pleito. Lembrem o quanto já falamos dos dois lados das redes sociais? A verdade, que deveria ser o pilar central de uma campanha, acaba sendo jogada de lado, e a mentira acaba sendo disseminada.

Por fim, estamos diante de mais uma campanha eleitoral para os municípios que terão segundo turno. Muita atenção eleitor, o mal jamais vencerá o bem. Isso vale para a política, isso vale para a nossa vida.

Ainda bem que Brasília não é município

Em um domingo de eleições, a agitação toma conta de mais de 5 mil municípios brasileiros, com prefeitos e vereadores sendo escolhidos nas urnas. É a festa da democracia! A cidade se enche de vida, mas também de lixo, crimes eleitorais e tensão. Segundo o balanço parcial divulgado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), apenas no primeiro turno das eleições de 2024, mais de 2.600 crimes foram registrados em todo o Brasil, resultando em 515 prisões, incluindo 22 candidatos. Boca de urna, compra de votos e propaganda irregular foram as ocorrências mais comuns, sem mencionar as 47 apreensões de veículos e 28 armas retiradas de circulação.

Enquanto isso, em Brasília, a situação é bem diferente. Por aqui, não há tumulto nas seções eleitorais nem toneladas de santinhos recolhidos nas ruas, como aconteceu no Rio de Janeiro, onde a Comlurb teve de remover impressionantes 167 toneladas de resíduos no primeiro turno. A calma que reina no Distrito Federal durante as eleições nos faz refletir: ainda bem que Brasília não é um município.

“Como assim Brasília não tem prefeito e nem vereadores?”, indagaram surpresos os usuários das redes sociais em uma publicação que transformava o fato em meme. As pessoas não conhecerem a estrutura eleitoral da Capital Federal não é surpresa — algumas desconhecem as regras da própria cidade, mas preocupa o fato de não saberem que no DF não há municípios. O que eles faziam durante as aulas de Geografia?

Mas por que a capital não participa dessas eleições? A resposta está enraizada na história do país. Quando Brasília foi

inaugurada em 1960, a estrutura administrativa do Distrito Federal foi concebida para combinar características de um estado e de um município, o que eliminou a necessidade de prefeitos. Com essa configuração híbrida, as regiões administrativas — popularmente conhecidas como cidades-satélites — não são tratadas como municípios, e o governo local é comandado por um único governador, que acumula funções que em outras localidades seriam divididas entre prefeitos e governadores estaduais.

A decisão de centralizar o poder em Brasília tinha um objetivo claro: manter a capital imparcial e afastada das disputas regionais que ocorrem nos outros estados. Segundo o historiador Matheus Rosa em entrevista concedida à BBC Brasil, esse modelo foi pensado para que Brasília pudesse funcionar de forma neutra, sem os conflitos que surgem em cidades administradas por prefeitos.

É que Brasília é a sede do poder central. Sede administrativa e política. E essa neutralidade, então, se torna importante para manter um pouco a capital fora dessas paixões.

É verdade que da ideia original houve uma evolução. Hoje, os brasilienses escolhem seu governador e os deputados distritais. Para que possam enfrentar os diversos desafios de uma região que nos seus 64 anos cresceu bem mais do que se planejava inicialmente.

Por suas características particulares, é mesmo melhor para Brasília que não seja um município. E se mantenha calmo enquanto as disputas acontecem no restante do país. No máximo, nas RAs próximas do entorno, ouvindo de longe o som das carreatas e dos jingles dos vizinhos.

Diego Faro*

Hora de agradecer

Ser eleito vereador do Rio foi uma experiência transformadora, guiada pela fé em Deus e pelo desejo de ajudar o próximo. Como disse várias vezes ao longo da campanha, nunca me imaginei como candidato. Mas quando aceitei o convite do governador Cláudio Castro, sabia que estava abraçando um desafio — e fiz isso de coração aberto, com a vontade genuína de fazer a diferença na vida das pessoas.

Minha trajetória sempre foi pautada por princípios claros: defesa da vida, da fa-

mília, de uma educação com valores, inclusão e incentivo ao empreendedorismo. Caminhei por diversos bairros, conheci de perto a realidade das comunidades e me conectei com as necessidades de tantas famílias. Cada conversa, cada história ouvida me fortaleceu e reforçou minha vontade de servir ao próximo, mostrando que eu estava no caminho certo. Para mim, a política é uma ferramenta de transformação, capaz de trazer mudanças concretas e impactar vidas de verdade. Acredito que só com

proximidade, escuta e ação podemos construir uma cidade mais justa e com oportunidades para todos.

Agradeço a Deus por me fortalecer todos os dias nesta caminhada. Sou grato ao governador Cláudio Castro por confiar essa missão a mim e por acreditar no potencial dessa proposta de mudança. E, acima de tudo, agradeço a todos vocês que acreditaram no nosso projeto e caminharam lado a lado comigo. A campanha terminou, mas o verdadeiro trabalho começa agora. Ser vereador é

um compromisso, é representar aqueles que desejam a mudança e que querem ver um Rio melhor para se viver. Quero honrar cada voto recebido com ações e políticas que realmente façam a diferença no dia a dia das pessoas.

Muito obrigado por acreditarem, por caminharem comigo e por fazerem parte dessa história! Vamos juntos construir um futuro melhor para o Rio!

*Eleito novo vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo PL

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONGRESSO DEBATE REGOVAR A ATUAL LEI DE IMPRENSA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de outubro de 1929 foram: Aviadores franceses Costes e Bellonte são encontrados

perto da Manchúria e em péssimas condições físicas. Congresso discute a revogação da lei de imprensa. Dois trens se chocam na Central do Bra-

sil e deixam seis pessoas gravemente feridas. Filósofo alemão Conde de Keyserling faz palestra na Academia Brasileira de Letras.

HÁ 75 ANOS: BRASIL NÃO VAI DESVALORIZAR O CRUZEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de outubro de 1949 foram: Potências ocidentais afirmam que a criação da Alemanha

Oriental seria para a URSS firmar um tratado de paz fictício com a Alemanha. Comitê da OTAN declara a mais alta proteção aos países da Eu-

ropa Ocidental. Primeiro-ministro francês pede demissão do cargo. Dutra afirma que não vai desvalorizar o cruzeiro.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.